

ELEIÇÕES 2016

Sim, era esperado, nunca o descrédito dos políticos e da política esteve tão alto no Brasil, e o voto zero, que soma brancos e nulos com abstenções, venceu os primeiros colocados em 10 das capitais, entre elas Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Curitiba. Este o dado mais preocupante de todos: a política representa a nação.

O comentário geral da grande mídia é a derrota fragorosa do PT. Fato indiscutível, mas com aspectos pontuais significativos: em São Paulo, a capital do ódio aos petistas, Haddad chegou em segundo lugar e Suplicy foi o vereador mais votado do Brasil. Marta, que leva o nome mas cuspiu no prato que comeu, ficou para trás.

O PSOL, que refaz o caminho do PT, foi o partido que mais cresceu no Rio: disputa bem o segundo turno de prefeito e fez 4 vereadores, a terceira maior bancada. Ademais, apareceu bem em Belém, onde está no segundo turno, em Porto Alegre e em Niterói.

O PMDB, o partido usurpador, teve sua grande derrota no Rio, onde perdeu a prefeitura ao fim de uma gestão bem aprovada pela grande maioria. Encolheu no País como um todo e não se saiu bem em São Paulo, a terra do chefe usurpador. O Fora Temer tende a crescer.

O PSDB foi efetivamente o grande ganhador, o que também era esperado; embora sua maior vitória, em São Paulo, tenha favorecido um empresário rico, apresentador de televisão, que faz questão de dizer repetidamente que não é e não será político (ninguém sabe como vai ser isso).

A eleição, enfim, pareceu um retrato bem fiel do que é hoje o nosso País depois do golpe: uma perplexidade, um despautério na proposta de congelamento por 20 anos, que aos poucos irá encontrando suas verdades e seus caminhos, até a grande eleição geral de 2018.

Os cientistas políticos destrincharão melhor esta perplexidade. Eu fico por aqui nesses comentários simples e tristes. E preocupados com esse congelamento que, de tão absurdo, só pode ser proposital, para rebaixar mais nosso país.

A semana, entretanto, teve uma notícia muito alvissareira: a eleição de Antonio Guterres para a Secretaria Geral da ONU. Para nós, brasileiros, é uma homenagem à nossa estirpe que nos enaltece; para o mundo é uma graça luminosa neste momento histórico tenebroso.

E outra: o prêmio Nobel da paz para Manuel Santos, o Presidente colombiano, como um reconhecimento mundial do seu esforço pelo acordo de paz com as FARC. Um reconhecimento que, pela sua importância, pode virar a opinião infeliz da maioria que rejeitou a proposta acordada.